

A PEQUENA REVOLUÇÃO NIILISTA DE MANOEL DE BARROS

José Carlos Zamboni

Um poeta que sai à procura dos defeitos de Deus, nos dá todo o direito de procurar os seus próprios defeitos. É o caso do poeta Manuel de Barros, badaladíssimo nos meios acadêmicos.

Manoel de Barros começou, na juventude, negando a ordem burguesa, para terminar mais tarde, depois do desencanto com o Partido Comunista, negando a própria ordem da realidade, através de uma arte que é, por excelência, criadora de realidades: a poesia.

Segundo ele, “há várias maneiras sérias de não dizer nada, mas só a poesia é verdadeira.” Ou seja, a poesia é o veículo mais autorizado para dizer coisas sérias sobre... nada. Talvez esteja aqui a chave para descobrir o encanto que os seus textos provocam em alunos e professores de literatura: a profunda sedução que, em nossa época, tem exercido o Nada e a negação.

Ninguém pode duvidar de sua habilidade verbal, apesar de nenhum domínio sobre a versificação tradicional (que era, também, a limitação do grande poeta católico, embora herético, Murilo Mendes). Manoel de Barros conseguiu traduzir em linguagem poética o clima mental da nossa época, muitas vezes com imagens interessantes e até divertidas. Por isso, o adoram os simpatizantes dos desconstrucionismos, dos relativismos, dos multiculturalismos de toda a espécie.

Sua defesa do ócio como condição da arte, e da arte como fim em si mesmo, é radicalizada ao ponto de transformar a poesia em expressão da mais convicta anulação da realidade. Não se trata da usual superação da realidade aparente, em nome da intuição de uma supra-realidade organizada poeticamente. Esse poeta pulveriza as coisas, com o único objetivo de botar em seu lugar alguns trocadilhos interessantes. É um Mallarmé populista, sem a

refinada arte fin-de-siècle do grande niilista francês. Cada século tem o fim de século que merece.

No caso do nosso Manoel, o que parecia ser uma poesia sobre coisa nenhuma, era na verdade a demonstração mais enfática de uma tese: a de que este mundo não serve para nada, ou, no seu dialeto, serve exatamente para brincar de Nada. Essa poesia da coisa nenhuma encerra em si, claramente, uma poética do niilismo; é um esforço aparentemente lúdico, mas no fundo altamente comprometido com os valores mais negativistas da nossa época, visando esvaziar de sentido as palavras da tribo e as velhas coisas do mundo, aquelas mesmas que Javé, depois de criá-las, viu que eram boas. O poeta de Mato-Grosso deixou o Partidão para transformar-se num revolucionário ainda mais radical.

O que atrapalha a poesia de Manoel de Barros é essa pregação niilista, que acaba obstruindo a maior parte dos seus livros, como um “entulho” escondendo o que, nos textos, podia ser mágica revelação da realidade. O pouco que sobra é verdadeira poesia, jeito diferente de dizer as mesmas coisas que já sabíamos por outras maneiras, ou não sabíamos de modo algum.

A realidade, e não o Nada, é o que aparece em sua obras; a muito custo, mas aparece. Apesar de Manoel de Barros.